

NOME DA DISCIPLINA:

Erguer a Escrita II

Disciplina de natureza Teórico-prática de níveis Doutorado e Mestrado Acadêmico, com carga horária de **30 horas em sala de aula e 02 créditos**.

Categoria: [] Obrigatória ou [] Eletiva

Número de vagas: No mínimo 5 e no máximo 30 vagas

Alunos externos: [] sim [] não - Estudantes de todas as graduações e pós-graduações.

Estágio em docência e quantas vagas: [] sim [] não – **03** Vagas

Data de início: 09/08/2024

Data de término: 11/10/2024

Essa disciplina está vinculada a outro Programa? Qual(is)? PPGSC

Pré-requisitos

| Nome | Código |
|------------------------|--------|
| Nenhum item vinculado. | |

Professores

| Nome | Atuação |
|-------------------------------------|-------------|
| Professor(a): André Mendonça | Responsável |

Horários

| Dia | Local | Início | Fim |
|-------------|----------|--------|-------|
| Sexta-feira | IMS-UERJ | 9H30 | 12H30 |

Ementa

É nas bancas de defesa e qualificação que a violência na academia atinge o cume da montanha nada mágica. Teses, dissertações ou projetos de qualificação são vez por outra desqualificados, sem cerimônia ou compostura: “onde está o método, impostor(a)?”.

O mito do método (mítodo), travestido em suposta libertação pela verdade, segue fazendo seu trottoir...

Não só o mítodo: “referências onde estão?”. “Apud não pode, tem que citar o original!”.

“Ah, por favor, não me venham com autores originários, eu falei ‘ori-gi-nal’”.

Citar um só autor europeu é visto como plágio, é preciso reverenciar centenas deles para ser considerado pesquisa; como se plagiar muitos fosse permitido, sinal de “erudição”.

E, assim, tome-lhe paráfrases.

Acontece que está chegando gente pra bilhar que quer fazer, ao invés de projetos, projéteis (e em lugar de teses, ANTÍTESES) endereçados à Casa Grande, fazendo furos em seus muros de segregação já que as insubmissões habitam as frestas. Isso te soa violento? É só violação do status quo do figurino francês, da parte de quem geralmente tem atrás de si toda uma história ancestral de violação de direitos, a maior das violências, a começar por serem as primeiras ou primeiros a acessarem esse espaço elitizado, ainda mais quando se trata da pós-graduação.

Inspirada e inspirado nesses Projéteis e nessas Antíteses, é que o nosso convite nessa nova edição da indisciplina consiste em manufaturarmos pequenos textos (meros esboços que sejam de projetos de pesquisa), projetos propriamente ditos, além de compartilharmos textos já em forma de arte final ou mesmo obra ainda em construção (dissertações e teses), a fim de servirem como (pre)textos de boas conversas e bons encontros, regados a afetos e abraços. O convite é também para que as próprias pessoas inscritas na indisciplina atuem como uma espécie de banca, sem precisar botar banca de catedrático, dialogando com o cuidado que devemos ter relativo a quem quis pura e simplesmente erguer a escrita, numa boa, em bom pretuguês.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: Adorno T. Notas de literatura. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.
- ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas. Estudos feministas, 8(1): 229-236, 2000.
- AZAM, Geneviève. Carta à Terra e a Terra responde. Belo Horizonte: Relicário,

2020.

- BERNARDINO-COSTA, Joaze.; MALDONADO-TORRES, Nelson.; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.
- CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy. (Orgs). Para além do pós(-)colonial. São Paulo: Alameda, 2018.
- CUSICANQUI, Silvia. Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- EGA, Françoise. Cartas a uma negra. São Paulo: Todavia, 2021.
- EVARISTO, Conceição. Poemas de recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.
- _____. Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Org Constância Lima, Isabella Rosado, 1ed, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FEYERABEND, Paul. Contra o método. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. Periódicus – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, 3(1): p. 152-169, 2015.
- FOUCAULT, Michael. O que é um autor? In: Foucault, Michael. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 1977.
- Freire P. Cartas à Cristina. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- OURIQUES, Nildo. O colapso do figurino francês. Florianópolis: Insular, 2014.
- SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.